

O uso de diferentes gêneros textuais/discursivos¹ em sala de aula: Relato de uma experiência

Josélia Pontes Nogueira Silva - – PROFLETRAS/UEPB/CH

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Joselia.pontes@hotmail.com

Resumo: Este artigo, oriundo das discussões travadas nas aulas do PROFLETRAS/UEPB/CH, objetiva apresentar uma experiência de ensino aprendizagem vivenciada em uma turma de 9º ano do ensino Fundamental de uma escola pública do município de Sertãozinho/ Paraíba, a partir da leitura e produção dos gêneros textuais/discursivos poemas, entrevistas e resenhas de filmes, tendo em vista a montagem de um jornal televisivo, inspirada nos precursores da metodologia das sequências didáticas para o ensino dos gêneros, Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz (2004), assim como refletir sobre essa prática em sala de aula. O aporte teórico que fundamenta esse trabalho é composto por estudiosos que tratam das concepções de leitura, texto e ensino Kock e Elias (2013), Geraldi (1984); dos gêneros textuais/discursivos Marcushi (2008), Bakhtin (2006), dentre outros. Pauta-se ainda, nas orientações contidas nos PCN de Língua Portuguesa (1998).

Palavras-Chave: Sequência didática, gêneros textuais/discursivos, interação

INTRODUÇÃO

As discussões sobre o ensino de língua portuguesa têm ocupado muito tempo seja nas produções acadêmicas, seja nos discursos de professores, ou na mídia, e o foco e ponto de partida dessas discussões têm sido o insucesso no tocante à leitura e escrita dos alunos comprovado em avaliações nacionais e internacionais.

Diante desse fato, já é consenso entre especialistas e professores que o principal objetivo do ensino de língua portuguesa deve ser o de ampliar a competência comunicativa/discursiva dos alunos, ou seja, a capacidade de compreender e de produzir diferentes gêneros textuais nas diversas situações de interação sociocomunicativas. Dessa forma, as atividades de leitura e de produção textual têm ocupado cada vez mais espaço nas aulas de português. Embora muitos professores ainda não tenham, na prática, conseguido privilegiar essas atividades, ninguém pode discordar de que estas são essenciais no ensino de língua materna.

¹ A terminologia utilizada na definição de gêneros apresenta algumas variações, como: "gêneros discursivos", "gêneros do discurso", "gêneros textuais", "gêneros do texto". Assim, para efeito desta pesquisa, há de se considerar, como muitos autores, indistintamente, os termos gênero textual e gênero discursivo, ambos se referindo a tipos de enunciados relativamente estáveis, que estão vinculados a situação de comunicação social.

Acerca dessas reflexões e questionamentos sobre o ensino de Língua Portuguesa na atualidade, Marcuschi (2008,p.50), indaga-se: quando se ensina língua, o que se ensina? Trata-se de uma questão que especula como se dá o ensino da língua. Segundo o autor, “o ensino, seja lá qual for, é sempre o ensino de uma visão do objeto e de uma relação com ele.”

Na visão de Marcuschi, quando se ensina algo, parte-se de uma motivação, direcionada para a produção do objeto, bem como, da relação. Desta forma, apresenta-se uma pluralidade de teorias linguísticas direcionadas ao fazer em sala de aula, cabendo ao professor responder a pergunta supracitada para que assim possa revelar a sua concepção de ensino decorrente da concepção de sujeito, de texto e de sentido que considera adequada para adotar em sua prática de ensino.

Nessa vertente, é preciso pensar o ensino de língua portuguesa a partir das concepções que orientam o trabalho docente no dia a dia das escolas brasileiras. Para tanto, é mister conhecer e refletir sobre as perspectivas e abordagens pelas quais o ensino passou em cada período histórico até os dias atuais.

1- CONCEPÇÕES DE LÍNGUA

Consideramos relevante trazer para a nossa discussão o posicionamento de alguns autores sobre as concepções de língua que orientaram e ainda orientam a prática pedagógica dos professores de língua portuguesa, bem como a elaboração dos materiais e livros didáticos voltados ao ensino atualmente. Segundo Kock (2013), são três as concepções de língua:

- a) Língua como representação do pensamento- Essa concepção concebe o sujeito individual, senhor absoluto de suas ações, psicológico, o foco é no autor do texto e a leitura é entendida como captação das ideias deste autor.
- b) Língua como estrutura, código, instrumento de comunicação- Essa concepção compreende um sujeito “assujeitado” pelo sistema, quer linguístico, quer social, caracterizado por uma espécie de não consciência, o foco é o texto em sua linearidade e produto da codificação de um emissor a um receptor e a leitura seria a atividade de reconhecimento do sentido das

palavras, de reprodução. ”Tudo está dito no texto”. (KOCH, 2013)

c) Língua enquanto interação- Essa concepção pressupõe uma perspectiva interacional dialógica, na qual os sujeitos são vistos como atores, construtores sociais que se constroem e são construídos no texto de forma dialógica, e a leitura passa a ser um elemento de interação enquanto atividade altamente complexa de produção de sentidos.

Consoante Bakhtin (2006), a atividade mental é organizada pela expressão, diferentemente do que propõe a concepção de linguagem como expressão, na qual a atividade mental organiza a expressão, forma de exteriorização do pensamento. O autor corrobora que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2006, p. 125)

Essa concepção é a base para o que propõem os PCN (1998), os quais preconizam um ensino de língua em que a linguagem seja vista como heterogênea, dinâmica e sócio-historicamente constituída, determinada pelas situações de interação exigidas em cada época, valorizando assim a diversidade linguística constitutiva de uma língua natural.

Linguagem aqui se entende, no fundamental, como ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história. Os homens e as mulheres interagem pela linguagem tanto numa conversa informal, entre amigos, ou na redação de uma carta pessoal, quanto na produção de uma crônica, uma novela, um poema, um relatório profissional. (BRASIL, 1998, p. 20)

Por isso, ao se trabalhar com o ensino de língua, é de suma relevância focar a noção de língua, de texto, de discurso e de sujeito que se trabalha (KOCH, 2013).

Em linhas gerais, podemos corroborar que essa concepção de língua enfatiza a importância da interação para a significação do mundo, através do viés de uma linguagem social, histórica e coletiva, em que o indivíduo significa o mundo a partir da relação com o outro, da

interação entre os falantes. Assim, o ensino de Língua Portuguesa, sob essa perspectiva, implica em refletir sobre as diversas situações da linguagem, materializada nos diversos textos e gêneros textuais que circulam socialmente e que constituem nossas relações discursivas.

A partir dessa concepção, abordaremos a importância do trato com os gêneros textuais/discursivos no trabalho com a leitura e a produção de texto.

2 – GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS

Os estudos sobre gêneros textuais/discursivos estão na base da terceira concepção de linguagem na perspectiva sociointerativa dialógica. Bakhtin (2006) assegura que “o ponto de partida para o estudo de língua é o texto”, o qual é dado primário de todas as disciplinas. Essa abordagem de ensino de língua através de textos, já é consenso entre os linguistas. Os PCN também preconizam essa ideia e há boas razões para ser ver a língua nessa perspectiva. Marcuschi (2008) justifica a adoção do texto (falado ou escrito) como fonte de ensino porque o trabalho com o texto não tem limite.

Podemos postular assim, que sob a perspectiva sociodiscursiva e interacional da linguagem, o ensino do texto não se limita à organização do material linguístico, visto como produto acabado, delimitado, mas, sim, como um processo, ao mesmo tempo em que a linguagem humana é utilizada para interagir (comunicar-se) com o(s) outro(s) e/ou com o mundo. Nessa vertente, o texto traça um papel marcante no ensino da leitura e escrita. Como corrobora Marcuschi (2008, p. 242)

Se a língua é atividade interativa e não apenas forma, e o texto é um evento comunicativo e não apenas um artefato ou produto, a atenção e a análise dos processos de compreensão recaem nas atividades, nas habilidades e nos modos de produção de sentido bem como na organização e condução das informações.

Diante disso, é oportuno que o professor favoreça o contato dos alunos com textos orais e escritos que circulam nas diversas esferas da atividade humana, tendo em vista a diversidade de situações de usos, pois está comprovado que o trabalho com a diversidade de textos contribui para a formação de leitores fluentes, partindo do princípio de que o professor proporcione situações de leitura com objetivos claros, enfocando os processos de interação.

Cabe enfatizar que os textos, segundo Marcuschi (2008), sempre se realizam em gêneros e que cada gênero possui formas próprias de ser entendido. Nesse sentido, os gêneros podem ser definidos como as diferentes maneiras de

organizar as informações linguísticas, de acordo com a finalidade do texto, o papel dos interlocutores e a situação; surgem através das práticas sociocomunicativas dos falantes e são agrupados a partir das semelhanças entre a estrutura do texto e seu conteúdo temático, embora não se possa acomodá-los em categorias rígidas, pois, para atender a interesses e variadas situações de comunicação, estão sempre se transformando.

Ainda consoante Marcuschi (2008), os gêneros são entidades sócio comunicativas, dinâmicas, flexíveis e variáveis que se adaptam e se multiplicam para atender às necessidades comunicativas do sujeito.

Nesse espaço dialógico, emerge Bakhtin (1997) precursor e defensor das inúmeras possibilidades de usos da língua. Ele identifica os gêneros como componentes culturais e históricos. Para o autor, o querer dizer de cada locutor se efetua, principalmente, pela escolha de um gênero, determinada a partir de um tema e de interlocutores nas atividades de interação. (BAKHTIN, 2006, p. 302).

Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo de fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.

Por esse prisma, percebemos que existe uma variedade indefinida de gêneros que permeiam as diversas esferas sociais, permitindo assim, a interação entre as pessoas e os membros de uma comunidade que se constituem enquanto grupo social organizado; os gêneros vão se modificando, adquirindo novas formas e funções e quanto mais as atividades humanas se desenvolvem, mais gêneros surgem para atender as exigências das práticas sociais, o que torna difícil, ou mesmo impossível quantificá-los.

Por esse motivo, o trabalho com os gêneros em sala de aula não deve se dá de forma aleatória, sem que haja um planejamento e escolha ou simplesmente, porque estudos comprovam sua funcionalidade, mas é preciso que haja um planejamento considerando-se a relevância dos gêneros para as instâncias sociais e de uso dos sujeitos.

A esse respeito, Martins (1985), assegura que a sala de aula deve ser um lugar privilegiado de organização do conhecimento e de interações entre aluno e professor, sendo este um articulador e mediador na elaboração desse conhecimento. Com efeito, o ensino de Língua Portuguesa a partir dos gêneros constitui um grande diferencial, ao permitir aos alunos perceberem a língua em situações reais de uso contribuindo, desta forma, para o desenvolvimento das habilidades comunicativas.

Faremos aqui uma breve elucidação sobre os gêneros selecionados e aplicados na nossa experiência a ser relatada nessa proposta de trabalho de leitura e produção textual. Foram três os gêneros trabalhados e escolhidos para a partir da leitura e produção transformarem-se em um jornal televisivo produzido em grupos pela turma.

2.1. – OS GÊNEROS TRABALHADOS: POEMA, ENTREVISTA E RESENHA DE FILMES

O gênero, considerando as contribuições de Bakhtin, passa a ser pensado, então, a partir de uma visão de discurso que privilegia o processo interativo que naturalmente envolve as atividades enunciativas, mediadas pela correlação de posições sociais, pela intenção dos enunciantes e pelas finalidades específicas de cada esfera, “como um objeto discursivo ou enunciativo” (ROJO, 2005, p. 196).

Utilizando as palavras de Bakhtin (1997, p. 279):

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Nessa linha de raciocínio, os gêneros, possibilitam uma oportunidade de transpor os desafios de um ensino baseado unicamente no acúmulo de informações sem qualquer relação com o dia a dia do aluno, já que tendem a valorizar os atos sociais em que os atos linguísticos estão presentes.

Assim, tendo em vista a necessidade de colocar o aluno em contato com práticas sociais efetivas, foi planejada uma sequência didática baseada em três gêneros, a saber: poema, entrevista e resenha de filme como alternativa para despertar o interesse do aluno para a leitura, posto que esse é um desafio diário enfrentado pelos professores nas escolas públicas brasileiras. Nesse sentido, o trabalho com esses gêneros apresenta-se como uma possibilidade significativa para dinamizar o processo de aprendizagem.

Cabe aqui fazermos uma pequena abordagem sobre os gêneros selecionados para o trabalho com a leitura e a escrita em sala de aula.

2.2- O GÊNERO POEMA

Consoante Altenfelder, Mestre em Educação, autora do fascículo Poetas da Escola do Kit Itaú de Textos Poemas e poetas, o trabalho com o

gênero poema traz muitos questionamentos a todos que se envolvem com o ensino de língua. O que é poesia? O que são poemas? O que são versos? Como ensinar a escrever poemas?

O Mini Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, define poema como: "Obra, em verso ou não, em que há poesia", ou seja, quando falamos em poema, estamos nos referindo a textos que têm ritmo e sonoridade próprios e contêm poesia; quando falamos de poesia, nos referimos àquilo que torna um texto poético. Sob essa ótica, o que torna um texto poético é o sentido artístico que seu autor consegue imprimir ao que escreve.

No entanto, Fernando Pessoa, na voz de Alberto Caeiro, seu heterônimo nos revela que poema não é só aquilo que rima, tem sílabas contadas, musicalidade ou um esquema definido de composição:

"Não me importo com as rimas.
Raras vezes
Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.
Penso e escrevo como as flores têm cor."

(PESSOA, 1946:1993,p.36)

Nessa perspectiva, mesmo os poetas consagrados para produzirem seus poemas, tiveram um trabalho, um planejamento, e acima de tudo, gastaram muito tempo arrumando o que escreveram, organizando, mexendo com as palavras, experimentando vários jeitos de fugir do lugar-comum, para se chegar a produção final e encantar o leitor com sua maneira própria de ver o mundo.

Dentro dessa visão foi pensado o trabalho com a leitura e escrita de poemas pelos alunos, ou seja, a partir da leitura de muitos poemas, reflexão sobre a situação de produção, atividades para a apropriação de recursos poéticos e sua utilização.

2.3 - O GÊNERO ENTREVISTA

É sabido que a entrevista é um gênero que requer um entrevistador e um entrevistado e que tem por objetivo colher informações e opiniões, experiências pessoais e profissionais de alguma pessoa.

Conforme Hoffnagel (2003), o gênero entrevista é visto como :

“uma constelação de eventos possíveis que se realizam como gêneros (ou subgêneros) diversos. Assim, teríamos, por exemplo, entrevista jornalística, entrevista médica,

entrevista científica, entrevista de emprego, etc.” Hoffnagel (2003,p.180)

Nessa vertente, a entrevista desenvolvida na experiência com gêneros será de natureza jornalística, visto que os alunos irão trabalhar com esse gênero para que o mesmo seja veiculado em um jornal televisivo. O principal objetivo é expor informações ao leitor sobre um determinado assunto estudado em sala de aula, a partir de temas transversais.

2.4 – O GÊNERO RESENHA

O gênero resenha tem como objetivo descrever um objeto cultural, podendo referir-se a um livro, filme, peça teatral, CD, entre outros, com vistas a estimular ou não o leitor a apreciá-lo. Como bem nos revelam Lakatos e Marconi (1996, p. 90) ao ressaltarem:

Resenha crítica é uma descrição minuciosa que compreende certo número de fatos: é a apresentação do conteúdo de uma obra. Consiste na leitura, resumo, na crítica e na formulação de um conceito de valor do livro feitos pelo resenhista. A resenha crítica, em geral, é elaborada por um cientista que, além do conhecimento sobre o assunto, tem capacidade de juízo crítico. Também pode ser realizada por estudantes; nesse caso, como um exercício de compreensão e crítica. A finalidade de uma resenha é informar o leitor, de maneira objetiva e cortês, sobre o assunto tratado no livro ou artigo, evidenciando a contribuição do autor: novas abordagens, novos conhecimentos, novas teorias. A resenha visa, portanto, a apresentar uma síntese das ideias fundamentais da obra.

Assim como a entrevista, o gênero resenha encontra-se no âmbito jornalístico, tendo como finalidade a informação e a opinião em se tratando dos acontecimentos sociais como um todo. Entretanto, há também uma outra, cuja intenção é informar aos seus leitores sobre as inúmeras opções voltadas para a cultura e lazer referentes a um determinado local. No nosso estudo, trabalhamos com a resenha de filmes.

3 - METODOLOGIA

A experiência foi desenvolvida em uma turma de 9º ano de uma escola pública municipal em Sertãozinho/Paraíba. Essa instituição atende alunos oriundos de diversos contextos sociais como das zonas urbana e rural do município. A turma

possui vinte e oito alunos, treze meninas e quinze meninos, na faixa etária entre quatorze e dezoito anos. A maioria mora na zona rural e todos vieram de escolas públicas do município de Sertãozinho.

Para o desenvolvimento dessa sequência, adotamos uma abordagem qualitativa, a qual busca estudar aspectos da realidade que não podem ser quantificados, ou seja, pretendemos compreender os fenômenos sob a ótica dos sujeitos envolvidos. Numa pesquisa qualitativa, procura-se, num determinado período e num determinado ambiente, de forma precisa e detalhada, registrar os fenômenos para, em seguida, interpretá-los e analisá-los, abrindo caminhos para a solução do problema através da intervenção.

A metodologia se deu através da prática da sequência, na qual foram trabalhados os gêneros textuais poema, entrevista e resenha de filme por meio de oficinas de leitura, pesquisa e produção textual feitas pelos alunos; e, posteriormente, a criação de um jornal televisivo a partir da gravação dos gêneros produzidos.

A sequência de atividades proposta foi adaptada do livro didático do 9º ano do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa *Tecendo Linguagens*. Para tanto, sentimos a necessidade de adequá-la ao contexto de nossa aula, tornando-a geradora de sentidos. As atividades propostas no livro giravam em torno do tema amor e da sexualidade, enquanto tema transversal, trazendo textos relacionados a TV e ao cinema a partir de roteiros de filmes.

A partir da proposta, optamos por contemplar a multiplicidade de usos e funções da língua através dos gêneros poemas, entrevistas e resenhas de filmes. A sequência foi desenvolvida em cerca de 20 aulas.

3.1- A sequência Didática Aplicada

Na aula introdutória, apresentamos os gêneros textuais/discursivos para análise, a partir da abordagem dos elementos que caracterizam, segundo Bakhtin/Volochínov (2006), todo gênero discursivo: o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo. Para tanto, foram formuladas atividades que não tomassem o gênero como objeto para o mero estudo da estrutura da língua, mas para a análise dos elementos que o compõem e reflexão

sobre suas funções na promoção dos efeitos de sentido apreendidos.

No direcionamento das atividades foi esclarecido que teríamos que utilizarmos esses gêneros em situações e/ou eventos de letramentos. Assim, foi proposta a criação de um jornal televisivo da turma para viabilizar a continuidade de sequência de atividades.

O primeiro módulo foi destinado ao estudo do gênero poema. Realizamos uma conversa informal enfatizando a importância da leitura e apresentamos alguns poemas para análise do conteúdo temático, estilo e composição, dentre os quais citamos: *O beijo* de Gustavo Klimt que consiste em uma tela, no qual o artista retrata o amor; o poema *Órion* de Carlos Drummond de Andrade, no qual o poeta retrata um amor não correspondido; e por fim, o poema musical *Amor maior* do cantor da banda Jota Quest, Rogério Flausino. Para a execução dessa atividade, foi feita uma roda de leitura e interpretação textual, seguida de discussões acerca dos textos lidos comparando-se a linguagem empregada pelos autores, assim como a intencionalidade e diferenças de expressão lírica, amorosa. Analisou-se também os recursos poéticos a título de figuras de linguagem presentes nos poemas, bem como a estrutura composicional dos poemas.

Para sistematização do estudo do gênero poema, a turma foi dividida em grupos para fazer uma pesquisa extraclasses sobre a diversidade de poemas relacionados à temática do amor, objetivando uma primeira produção de poemas. Os grupos produziram desde acrósticos até cordéis, o que se configurou numa atividade muito proveitosa e significativa. As produções foram declamadas numa roda de poemas, seguida da reescrita, novamente em grupos e arquivadas no caderno de produção textual para a veiculação no jornal televisivo da turma.

No segundo módulo, foi apresentado para a turma alguns textos jornalísticos retratando conteúdos acerca da sexualidade, a exemplo do texto: *Educação sexual para jovens: O que as escolas devem ensinar? De John Macmanus, 2015*. A turma foi dividida em grupos e após a leitura dos textos foi feita uma técnica de perguntas e respostas. Os grupos apresentaram suas opiniões aos questionamentos:

- A educação sexual está presente de forma sistematizada nos currículos das escolas brasileiras?

- A ausência dessa temática nas salas de aulas pode ser considerada um problema?

- Os conteúdos apontados nos textos como: gravidez precoce, diversidade sexual, doenças sexualmente transmissíveis são relevantes para o trabalho em sala de aula?

- Você se sentiria à vontade em discuti-las na escola?

- Em sua opinião, iniciativas ligadas à educação sexual podem ter impacto real na vida dos jovens? Explique.

Após as discussões em grupos sobre as questões acima, foi solicitado aos alunos que pesquisassem esse tema em jornais, sites, livros e revistas para um debate em sala de aula. Com os resultados da pesquisa em mãos, os alunos direcionados pelo professor foram colocando suas opiniões e dúvidas, chegando a conclusão de que deveríamos elaborar algumas perguntas para a execução de uma entrevista com pais, professores e funcionários da escola. Assim, apresentamos em slides alguns modelos de entrevistas para que os alunos se familiarizassem com seus elementos constitutivos e dessa forma, juntos elaboramos as devidas perguntas para serem respondidas pelos interlocutores supracitados, culminando na segunda produção textual. A entrevista seguiu o roteiro de perguntas abaixo e foram transformadas em sala de aula sob a orientação do professor, na terceira produção escrita para a exibição no jornal televisivo.

- A educação sexual é papel da escola ou da família?

- Quais são as causas e as consequências da gravidez na adolescência?

- Existe uma idade certa para a iniciação sexual?

- Como combater a discriminação à diversidade sexual?

O terceiro módulo foi destinado à análise de resenhas de filmes, a exemplo do filme O carteiro e o poeta. Após as análises das resenhas, foi solicitado aos alunos que escolhessem um filme a que assistiram recentemente e escrevessem uma resenha sobre o mesmo. A atividade de produção foi realizada como tarefa extraclasse em grupos, socializada em sala e direcionada as reescritas das mesmas.

Produção final. Com as produções finalizadas e revisadas, os grupos passaram a fazer as gravações e filmagens para apresentação do jornal televisivo, o que aconteceu no turno oposto às aulas, como atividade extraclasse. Os alunos

em grupos, gravaram um vídeo e o editaram com as produções dos gêneros trabalhados em sala em cada módulo. Realizamos assim, uma primeira mostra do jornal em sala de aula, evidenciando assim, a criatividade, interação e desvelo dos alunos na criação e edição do mesmo. Sem dúvida, uma prática de letramento muito importante na vida destes alunos. Assim, no evento de comemoração ao dia dos estudantes, selecionamos alguns vídeos para exibição na escola para que todos os alunos e a comunidade escolar tivessem conhecimento e acesso aos estudos realizados pela turma. A publicação do jornal televisivo configurou-se como um significativo momento de celebração de todo o trabalho realizado e dos resultados positivos obtidos.

Esse, foi, sem dúvidas, um projeto de muito sucesso na escola, não apenas pelos conhecimentos adquiridos, mas pelo envolvimento de todos os alunos, mesmo os que tinham dificuldades em relação à timidez, ou à falta de acesso aos meios tecnológicos se sentiram motivados a participar de cada etapa das atividades, especialmente, na criação do jornal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção e implementação desta sequência didática confirmou a premissa de que essa metodologia pode contribuir muito para o trabalho com determinados gêneros e com os conteúdos que eles abarcam (textuais, discursivos e linguísticos). Pode-se lançar mão dela para o trabalho com determinados gêneros, os quais julgarem-se necessários de serem estudados com maior profundidade. E isso vai depender, obviamente, do ano escolar abordado, dos objetivos pretendidos para aquele grupo de estudantes e dos conhecimentos prévios identificados nele.

É necessário analisar criticamente os recursos utilizados em sala de aula, dentre eles, o livro didático concebido, há décadas, como única ferramenta de conhecimento utilizada pelos alunos e professores nas aulas de língua portuguesa. Só assim, seremos capazes de redimensionar nossas propostas e prática numa perspectiva interacionista e dialógica da língua, através de situações que estimulem os alunos pelo prazer em ler e desenvolver estratégias que contribuam na formação de seres construtores de saberes críticos e de sentidos em sua relação com o texto e com o outro.

Essa perspectiva de ensino manifesta uma forma de instigar o aluno a realizar suas atividades em torno do gênero e fazer com que ele analise linguisticamente o seu texto por meio de uma nova produção textual. Por tudo isso, consideramos as atividades com gênero textual enriquecedoras de conhecimento, pois são capazes de despertar nos alunos o gosto pela leitura e ajudam a formar construtores de suas próprias ideias em um processo dialógico e interacionista.

REFERÊNCIAS

ALTENFELDER, Anna Helena et al. **Poetas da escola** : Caderno do professor : orientação para produção de textos — São Paulo : Cenpec, 2010. (Coleção da Olimpíada)

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto 2008.

BAKHTIN, M. “Os gêneros do discurso”. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 2006.

BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. 1º e 2º ciclos**: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRONCKART, J. P. Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Rachel Machado e Périinteracionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: Apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. 2ª ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário da Língua Portuguesa. Ed. Positivo, 2010

GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**: leitura e produção.

2ed. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

HOFFNAGEL, J. C. **Entrevista**: uma conversa controlada. In: DIONÍSIO, A. P.;

KOCH, I. G. V. & Elias, V.M. **Ler e Compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2013.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Resenha crítica. In: Fundamentos de metodologia científica. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1993

MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARCUSHI, Luiz Antônio. Produção Textual, análise de gêneros e compreensão. 7ed, São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, M. H. **O que é leitura?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

PESSOA, Fernando. O Guardador de Rebanhos In **Poemas de Alberto Caeiro**. Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993).

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. (Org.). Gêneros: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 184- 207.